

22-04-2021

BRASIALHA

Isaías Dilmário do Conde

[Jornalista]

Brasialha é um neologismo em que tento definir o que se passa no Brasil atualmente. Misto de Brasil com canalha / navalha / bandalha / gentalha / fornalha / migalha / metralha é uma tentativa de desmistificar que o brasileiro é um ser cordial.

Ou, melhor, continua sendo um ser cordial, mas com o duplo sentido que lhe cabe. Na própria concepção de Sérgio Buarque de Holanda, o sociólogo de “Raízes do Brasil” (o do brasileiro cordial) justificava o termo ante a contestação dessa afirmação, dizendo que o homem brasileiro agia com o ‘cordis’. O cordis que bombeia o sangue para sobrevivermos é um órgão (coração) que, simbolicamente, age para o bem ou para o mal. É no cordis que a filosofia, a literatura e a poesia concentram os sentimentos das pessoas. No cordis, portanto, repousa o bem e o mal. E, nesse sentido, Sérgio Buarque de Holanda tem razão: o brasileiro é um ser cordial que, por exemplo, no momento atual em que vivemos, tem o cordis de uma grande massa de brasileiros na direção do mal....

Basta olhar para o Presidente da República, eleito por maioria de brasileiros cordiais ... do mal. Ele mesmo um homem cordialíssimo ... do mal. Há muitos anos, sobrevivo no jornalismo, na maior parte do tempo acompanhando a violência social. Fui mudando o tempo mudaram as formas de violência. O convite que recebi para estar aqui com você, há mais de um ano, aceito agora com satisfação porque no jornalismo tradicional não tenho tido muito espaço para discutir a jornada inexorável que a ‘cordialidade’ brasileira tem trilhado para o mal. Minha forma de escrever sobre a violência foi se tornando mais “violenta”, devido à minha obediência à terceira Lei de Newton - aquela que diz que a cada ação corresponde uma ação de igual intensidade e em sentido contrário -. Mas a violência a que me refiro em minha reação jornalística não é baseada em palavrório chulo ou escatológico. É a “violência” da realidade dos fatos sempre ancorada no contexto político de sua época, suas influências sobre o comportamento das massas e a adesão em maior ou menor grau da sociedade a essa violência. Ou seja, busco justificar o comportamento violento, seja individual ou coletivo, articulando-o à ordem político-econômica vigente.

Mais precisamente, tento estabelecer relações de causa e efeito, buscando retirar de cada fato violento o comportamento solitário “cordial” do mal, como um fim em si mesmo.

Não há nenhuma novidade nessa forma de jornalismo e, muito menos, na literatura. O comportamento da maior parte do povo alemão durante o nazismo é bem retratado na literatura. Hanna Arendt ao discordar de posições de apoio ao nazismo de vários intelectuais alemães, inclusive alguns judeus, durante a ascensão do nefasto regime, começava a esboçar sua “teoria” de banalidade do mal. Elementos como fanatismo, fidelidade a um Mito (Líder / Autoridade), obediência devida,

propagação e massificação da mentira, emancipação da realidade, exaltação à família, incapacidade de agir estão presentes em Hanna Arendt. Observamos que todos esses elementos estão presentes no projeto de poder do atual governo e em vários de seus programas de ação.

Impossível dissociar grande parte da violência social hoje à ordem político-econômica estabelecida no Brasil. Grilagem de terras, assassinato de lideranças políticas, camponesas, indígenas, operárias, estudantis, de movimentos que defendem os direitos humanos, de jornalistas e inúmeras outras sempre ocorreram no Brasil. Mas é fácil observar o quanto a ordem político-econômica em vigor se contrapõe a essa violência ou a recebe com naturalidade. A catástrofe humanitária provocada pela Pandemia é um exemplo clássico atual de aceitação pacífica pelo poder atual (banalidade do mal).

O que tem havido em tempos recentes no mundo em geral e, muito especialmente no Brasil, é uma resistência ao jornalismo sobre a violência, vinculado a esse tipo de análise reativa (newtoniana). Muitos editores, redatores e, principalmente, donos de jornais, têm um certo pavor em dar carta branca a jornalistas que têm essa linha investigativa e analítica sempre vinculada à ordem do poder político-econômico estabelecido conjuntamente. Em jornais de menor alcance, no interior do Brasil, fora dos grandes centros, em locais dominados por setores conservadores e “cordiais” do mal, a tarefa desse tipo de jornalista é (quase) impossível. É preciso buscar formas de preservação, malabarismos literários para continuar empregado ou mesmo vivo. O Brasil não foge à regra dos países que assassinam jornalistas. Brasialha pode ser o misto de Brasil com a medalha que recebe por assassinar jornalistas. É bom lembrar que jornalistas têm sido alvo sistemático de enquadramento pelo atual governo, inclusive com a aplicação da Lei de Segurança Nacional. Atuo há muitos anos nas páginas de diversos jornais que são as mais lidas e as mais procuradas por todos os tipos de leitores, ou seja, aquelas que trazem os grandes crimes, os estupros com morte, os assassinatos de crianças indefesas, os feminicídios, patri e parricídios, infanticídios, as covardias policiais, os tribunais do tráfico e tantas faces de uma violência que nunca se esgota.

Ao vincular, invariavelmente, cada um desses crimes à ordem político-econômica, o jornalismo exerce um papel essencial na mudança dessa própria ordem. Ainda que ela demore a ser mudada, a anatomia persistente e cuidadosa de cada crime sempre revelará alguma chancela dessa ordem. São muitos os exemplos na história do Brasil. O assassinato de Angela Diniz, em 1976, por Doca Street, desnudou a ordem patriarcal-machista da sociedade brasileira que, embora ainda esteja muito distante de ser superada, evidenciou que o argumento jurídico de legítima defesa da honra estava com seus dias contados. Passou a ser bem menos utilizado, apesar de ainda ter sido, e só agora, em 2021, 46 anos depois, foi considerada inconstitucional pelo STF. Demorou, mas chegou.

Neste espaço vou buscar analisar alguns crimes emblemáticos e, por ofício, tentar vinculá-lo à ordem atual estabelecida, cenário perfeito para crimes cruéis de vários tipos. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.